

**Anistiado político: JOSÉ FERNANDES DA SILVA**  
**Data de nascimento: 17/12/1935**

Sou de origem camponesa, nasci em uma cidadezinha muito pobre no interior de Minas Gerais, município de Patos de Minas. Mudei com dez anos de idade para o interior de Goiás, próximo a Carmo do Rio Verde, um lugar chamado Água Fria. Lá eu vivi como um trabalhador do campo. Bastante jovem já enfrentava o trabalho, isso em 1940; eu creio que em 1950 eu já estava no interior de Goiás.

Em 1960 eu mudei para Goiânia, era uma vida muito difícil. Eu trabalhei muito como camponês. Depois mudei para São Luís de Montes Belo e aprendi a profissão de marceneiro. Trabalhei cerca de três anos como marceneiro, depois passei para profissão de seleiro - aprendi essa profissão, trabalhei mais uns 3 anos. Foi uma situação muito difícil lá também. Voltei para Goiânia e trabalhei inicialmente como seleiro, na Selaria Gaúcha Mexicana, mas sempre com vontade de estudar. Eu havia feito apenas até o 3º ano do primário em Minas. Nesse período que vivi no interior de Goiás, eu fiquei o tempo todo sem estudar, quando me mudei para Goiânia eu tive que fazer o curso de admissão para queimar etapas. Fiz a admissão, entrei no ginásio. Fiz o ginásio inicialmente no Ginásio Brasília e depois no Colégio Estadual Pedro Gomes. E foi como estudante que eu comecei a tomar contato com os problemas políticos. Havia o que chamavam na época de curso de oratória, na verdade reunia em um grêmio depois em outros grêmios, em uma escola, em outra escola. Fazia discurso para falar concretamente de problemas políticos. Foi uma época de muita efervescência, já no período do João Goulart, no período de transição. Ainda não tinha contato com partido de esquerda, era no meio estudantil. Foi a partir do período que eu estudei no Colégio Pedro Gomes, fazendo o curso clássico que é o 2º grau, que, a partir do grêmio, tive contato com pessoas que já estavam militando na esquerda. Concretamente com o João Silva Neto, e mais um colega chamado Josias, que era do meio operário, trabalhava no Correios. E foi praticamente através dele que tive o meu ingresso no Partido Comunista Brasileiro, no PCB.

## **MILITÂNCIA**

Entre em reunião do partido depois do golpe do Estado, em 64. Antes era apenas grêmio estudantil, cursos de oratória. Antes do golpe eu já tinha uma tendência natural para a esquerda. Eu sempre protestava contra as injustiças sociais e já estava meio condicionado, antes mesmo de entrar em contato com a esquerda, para ir por esse caminho. Ainda quando eu estava fazendo não me lembro bem se o colegial ou o ginásio, eu li uma obra que era o discurso do Fidel Castro, chamada “Três Declarações Fazem História”. Fiquei muito emocionado com os discursos dele, o protesto contra o domínio imperialista no contexto latino-americano. Estava muito na moda protestar contra as empresas petrolíferas que explorava aqui no Brasil, e tinha um livro que falava sobre o domínio dessas empresas no Brasil. Por aí eu comecei a tomar contato com a literatura esquerdista, e em 65 eu já estava começando a militar. Inicialmente através de uma base do partido no meio estudantil, e depois também como operário. Nesse período, eu estava trabalhando como balconista vendedor de tecidos. Trabalhador e

estudante ao mesmo tempo. Eu sempre trabalhei muito e só pude estudar à noite, então trabalhava o dia todo e estudava à noite. Era difícil para mim, enquanto os meus colegas aos sábados e domingos podiam passear, divertir-se, eu tinha que ficar em casa preparando a matéria, colocando em dia aquilo que não era possível no decorrer da semana. Quando fiz vestibular e comecei a lecionar, inicialmente no curso de História, aí sim eu pude estudar pela manhã e lecionar à tarde e à noite. Fiz um ano do curso de História e notei que era muito difícil, eu não tinha muita tendência para memorização. Apesar de que os colegas diziam que História não era memorização, e na verdade é; era e é até hoje. Após um ano eu deixei o curso e fiz vestibular para Letras. História foi na Universidade Católica, inclusive lá eu tive apoio no grêmio estudantil para conseguir uma bolsa. Como eu já estava na militância, tinha apoio na Universidade Católica. Depois eu fiz as provas na Federal, no curso de Letras, e passei. Tranquei o curso de História. Comecei a lecionar Língua Portuguesa, lecionava em dois períodos. Em 1968 eu estava em plena atividade como professor, fazia parte ainda do grêmio e do diretório estudantil, porque ao mesmo tempo eu era professor e estudante.

Naquela época, no ensino médio era grêmio, na universidade era diretório. Eu fiz parte do diretório primeiramente na Católica e depois na Federal. Lecionei um pequeno período no Instituto Rio Branco: O professor Izu era na verdade um agitador, as aulas dele eram verdadeiras agitações políticas. Eu militava com Horieste. Em um determinado período eu participei da associação dos professores, eu não me lembro do nome da associação. Havia uma associação, um sindicato propriamente não havia, e sim uma associação. Eu trabalhava no ensino público, e não tinha sindicato. Estava começando a organizar através da associação. Então havia bases em colégios, havia determinadas associações de bairros. Naquela época proliferaram muitas associações assistencialistas, e atuei nessas associações, nos grêmios e nos diretórios. Havia sindicatos como, por exemplo, dos bancários. Nós tínhamos contato com um ou outro militante, mas eles faziam parte da base do sindicato, não havia essa mistura; havia base em cada setor particular, setor de trabalho.

Eu era estudante universitário. Aí sim era realmente muito pesado porque, eu suponho que havia espiões por todos os lados. Havia alunos que estavam ali estudando mais para espionar, eram agentes da polícia. E nós não confiávamos praticamente em ninguém, a não ser nos colegas que militavam com a gente, ou na esquerda ou no grêmio, no diretório acadêmico. Mas muitos alunos que entravam para a nossa classe, nós ficávamos desconfiados que fossem agentes da polícia.

Na época em que eu estudei na Católica, havia um sujeito que sentava bem na frente. Eu não confiava nele por que ele participava da TFP (Tradição Família Propriedade). Na época nos fazíamos desfiles de protestos, e ele fazia desfile da TFP. Lembro-me que havia também um professor que tinha vindo de São Paulo. Era professor de ensino médio, estudava na Católica e ajudava a organizar o movimento de protesto, mas o protesto que ele fazia pessoalmente era só no sentido de disciplina, disciplina na escola. No problema político mesmo ele não tocava, e era um cara muito inteligente. Eu notava que era uma maneira de ele perceber e ao mesmo tempo de investigar, fingir que estava participando dos movimentos de lutas, de protestos e que na verdade era um espião. Exercia claro o outro lado.

Na época que nós estávamos tentando organizar o movimento estudantil no partido, havia colegas que dava para a gente desconfiar, dentro do partido. Tinha um rapaz, o Trovão, era magrinho, tinha uma fala assim como um trovão. Ele deixou o partido em uma determinada época e escreveu uma carta de protesto criticando todos. Como a gente costumava, de vez em quando, fazer reunião em uma chácara, em uma fazenda (lá o dono da fazenda matava uma leitoa, preparava o almoço para nós), na carta ele nos chamava de “os comedores de leitoa”. Eu desconfio que esse indivíduo foi um dos que nos levou para o buraco.

Eu acreditava muito no partido, eu achava que a linha do partido estava correta. Havia uma estratégia, havia uma tática. Eu lembro muito bem que a nossa tática era a destruição do sistema ditatorial. Era desenvolver lutas e alianças entre a classe operária e todas as demais classes que estivessem contra a ditadura para destruir esse inimigo principal. Mas o objetivo principal do ponto de vista estratégico seria chegar ao socialismo. A concepção era de que a luta pelo socialismo pressuponha enfrentar muitos inimigos, seria muito mais amplo os inimigos contra os quais nós teríamos que lutar. Mas, contra a ditadura não; a ditadura já estava caminhando para um estreitamento. Havia uma ampla base de protesto contra a ditadura militar. Daí tinha que haver uma tática para alcançar futuramente um objetivo mais profundo. Eu acreditava realmente na possibilidade de nós chegarmos ao socialismo.

Na época eu comecei a ler os livros marxistas. Um livro que me influenciou muito foi aquele que eu já falei aqui: “Três Declarações Fazem História”, do Fidel Castro, são três grandes discursos dele. Outro foi um livro de filosofia: “Princípios Fundamentais de Filosofia”, de George Collins, um livro muito bom, didático. Para a ética na época era muito importante por que ele tomava exemplos práticos ligados aos acontecimentos do momento. O interessante é que antes a gente pensava que filosofia era algo só para os grandes intelectuais, os pensadores. Aquele livro mostrava que até os trabalhadores, os operários como a gente podem muito bem aprender a filosofia, tirar partido da filosofia, e mostrava que a filosofia não é algo puramente ideológico, puramente teórico. Ele mostrava que a filosofia marxista, na qual se baseava, era filosofia da prática ou da práxis, como mostrava Adolfo Sanchez Vasquez.

A minha militância foi difícil porque eu era uma pessoa pobre, o meu pai havia acabado de falecer e eu era responsável por grande parte da economia da família. Era uma atuação clandestina; a família não sabia ao certo, sabia das minhas ideias porque é claro que a gente não esconde, e sabia também das minhas saídas escondidas. Era realmente uma luta muito difícil devido a minha responsabilidade. Eu também queria ser responsável tanto no partido quanto no seio da família. Eu me lembro de que uma irmã, que até já faleceu, me criticava muito porque eu ficava só lendo, e dizia que tinha um pedidor de esmolas que passava por ali que tinha ficado doido de tanto ler. Mas o problema é que ela notava que a minha responsabilidade em casa estava sendo sacrificada em função disso que eu andava fazendo às escondidas e que nem se sabia ao certo o que era. Foi o período que eu tive até ilusão de chegar àquilo que muitos eram, de poder ser um militante destacado da produção para poder ficar só atuando. Era um pouco ilusório para quem estava ligado à família da maneira como eu estava. Como desligar da produção para ter um bom desempenho no partido, ser um funcionário do partido? Eu tinha vontade de ser um funcionário do partido. Para mim a melhor coisa era ir às reuniões, discutir e traçar metas. E até hoje eu tenho comigo que eu aprendi

muito com a organização, foi a minha verdadeira escola. E não foi só em termos ideológico não, foi em termos de personalidade. Por exemplo, a minha esposa frequenta reuniões do espiritismo, vai a um e outro curso, e ela mesma já chegou à conclusão que na verdade eu pratico muito melhor o que eles pregam lá ou buscam sem acreditar nessas coisas. Mesmo colocando para ela abertamente que eu não creio em Deus, não creio em santo, em nada, mas creio no ser humano e nos princípios e fundamentos da existência humana. É que eu não tenho necessidade de religião para eu poder praticar o bem, para eu ser honesto, não roubar, não matar; eu não tenho necessidade de religião para isso. Eu tenho necessidade realmente é da minha crença no ser humano. E eu creio que quando o indivíduo morre, ele não desaparece totalmente; mas que também não vai para o céu. Ele continua, há muitos meios de continuar, através de outras pessoas, através do que fez, do que integrou na sociedade.

De qualquer maneira o próprio Marx não havia previsto que o socialismo chegaria aqui e ali, neste ou naquele canto do mundo. Ele previa que o socialismo chegaria mais desenvolvido no sistema capitalista, para se chegar lá teriam que se esgotar todas as possibilidades da burguesia e do próprio sistema capitalista; que enquanto não queimasse essas etapas seria impossível chegar a uma sociedade perfeita como essa. Então, quando Lenin reinterpretou o que Marx havia interpretado chegou à conclusão de que levando em conta o contexto internacional, o jogo com a diferença entre o país subdesenvolvido e o país ultra-desenvolvido, o primeiro mundo e o terceiro mundo, seria impossível implantar o socialismo em um país ainda desenvolvido. Inclusive, como na União Soviética que quando começou todo processo lá, e estava ainda na Idade Média, não havia uma burguesia desenvolvida na União Soviética, muito menos na Rússia, que era o mais desenvolvido de todos. Se não havia uma burguesia desenvolvida, estava ainda no sistema capitalista. Para sustentar um sistema daquele tipo que a gente sonhava teria que queimar essas etapas, vencer essas etapas. Eu penso que uma coisa é essa, e outra coisa nesse caso é o fato de que na União Soviética eles não tiveram que lutar apenas contra uma classe, na verdade era a aristocracia e suas bases. Não era apenas contra uma classe, era contra estados também, em decorrência da 1ª e depois da 2ª guerra mundial. E eles tiveram que ter uma luta dupla: contra o inimigo interno e contra o inimigo externo. E o inimigo externo era grande.

O socialismo na União Soviética pode-se dizer foi criado como em uma ilha cercada por oceano que poderia aflorar e destruir tudo. Esse oceano é o sistema capitalista mundial. Seria realmente muito difícil implantar o socialismo em um determinado país, em uma época em que o capitalismo estava tomando conta de todo o resto. Inclusive em relação à coisa corriqueira como, por exemplo, no meio de vida, na maneira de vestir, na maneira de viver. A União Soviética não pôde chegar a um nível de igualdade, a um estágio alto para conseguir uma igualdade, teve que ser em nível baixo. Quer dizer, para dar melhoria a todo povo teve que ser no nível mais baixo. Isso significa que estava bem mais baixo do que o nível em que os trabalhadores haviam chegado em determinados países capitalistas, nos Estados Unidos e em outros países da Europa. Isso significa que o trabalhador russo ou soviético, que havia conseguido certa melhoria de vida, quando começou a comparar o que tinha em relação aos trabalhadores de outros países capitalistas, começou a achar que eles deveriam ter aquilo ali também. Isso seria impossível no contexto histórico desse processo.

Outra coisa seria a corrida armamentista e econômica do Bloco Soviético contra o resto do mundo, e principalmente os Estados Unidos. Quanto teve que gastar, por exemplo, com armamentos, para mandar o homem à Lua? E não era porque achava isso bonito, era para manter o equilíbrio. Eu estou colocando tudo isso para mostrar o que era que me motivava a lutar, a militar.

## **REPRESSÃO E PRISÃO**

Embora nós procurássemos fazer as nossas reuniões da forma mais secreta possível; ninguém guardava anotações, rasgava tudo, era para guardar só na cabeça. Embora fosse discutido constantemente o problema da disciplina, do perigo de cair; embora tudo isso, começou de certa forma um relaxo. A gente recrutava indivíduos rapidamente, e foi com isso que, talvez, tenhamos levado inimigos para dentro do partido, espiões. Quando eu fui preso, de certa forma foi até uma surpresa. A gente estava sempre se preparando para uma questão como essa, mas quase todos foram pegos de surpresa. Em uma semana eles prenderam cerca de 40 pessoas em Goiânia e colocaram cada um em celas separadas. Eu estava com seis meses de casado, e a esposa não sabia. Sabia das minhas ideias por que eu as manifestava, mas eu não contava que estava militando em um partido proibido. Eu não tive condições de contar, infelizmente. Mas, a irmã dela, com quem ela vivia, desconfiava e começou a fazer críticas. Imagina! Com seis meses de casado ser preso. Eu não era máquina, era ser humano. Tinha uma moça que decidiu casar-se comigo porque viu determinadas qualidades e essas qualidades deveriam continuar. Não poderia passar a me ver como um cafajeste.

Fui preso, me buscaram em casa, me parece que era domingo cedo. Eu ainda estava de pijamas. Pararam o carro no corredor, eu morava em um barracão de fundos, e foi um lá e me chamou, disse que um colega queria falar comigo lá fora sobre aulas particulares. Quando cheguei lá, me mandaram entrar. Acho que era um fusca. Eu queria voltar para avisar à esposa, e eles disseram: Já você volta. Tem que ir à delegacia para explicar um problema. A dona do barracão onde nós morávamos viu eles me colocando no carro. No caminho de casa até o 10º BC eu fui com a cabeça virada para baixo, me vestiram um capuz, a partir daí eu não vi mais ninguém. Chegando no 10º BC, foi algo esquisito. Já à noite, foi como se estivessem entrando comigo dentro de um túnel de lataria; sei lá, pelos sons que eu escutava, com a cabeça coberta e sem noção de espaço e de tempo. Na mesma noite eles me buscaram para ser torturado, me levaram a um local de tortura. Eu não via ninguém. Mandavam virar para a parede, colocavam o capuz e me levavam. Já nessa noite foram choques elétricos, chutes, cassetetadas na cabeça, na sola do pé, nas nádegas até não poder mais. Na primeira noite eu fiquei com as nádegas tão ameaçadas que não tinha jeito de deitar. De todas as formas que eu deitava, deitava numa ferida que era minha mesma.

Nessa primeira noite me ameaçaram com uma cobra. Perguntaram se eu tinha medo de cobra, e eu disse quem que não tinha medo de cobra. Fizeram um barulho como se estivessem tirando uma cobra de uma caixa de madeira. Pelo ímpeto, acabei agarrando no negócio e aí eu tive a impressão de que não era cobra, era de borracha talvez, possivelmente. Quando me levaram para a cela, meio escuro, eu tive a impressão que tinha uma cobra imensa enrolada lá dentro. Após acostumar um pouco com a escuridão, eu notei que era um colchão que estava enrolado. Para ver como que funciona o

processo psicológico, a tortura psicológica nesse caso. Foram realmente torturantes os 15 dias que eu fiquei lá, incomunicável no 10º BC. Eu fiquei mais de dois meses lá, mas os 15 primeiros dias foram mais torturantes porque eles me buscavam bastante tarde da noite para a tortura, e como eu não tinha relógio eu não sabia calcular a que horas eles iriam me buscar. Nesse período eles buscavam quase todos os dias. Quando eles chegavam para me buscar, parece que tinha um molho de chaves na mão e experimentavam uma e outra, eu já começava a sentir os choques e as dores de antemão. Creio que tudo isso era de propósito. Eles me buscavam muito tarde, como eu não tinha relógio, só chegava à conclusão de que eles não iriam me buscar naquela noite quando eu percebia que já estava firmando para a madrugada. Era um espaço muito pequeno para dormir, cedo eles começavam com o mesmo processo de ruídos. Inicialmente eu pensei que tivesse uma banda de música treinando, mas era um treinamento bagunçado. Instrumentos de sopro, clarineta de percussão e tudo mais, mas desorganizado. Eu pensava que era treinamento, mas depois, refletindo bem, eu penso que não era propriamente um treinamento, era uma gravação que eles colocavam para eu não dormir. Quando iam de manhã levar pão para mim, era a mesma coisa das chaves, era torturante realmente. O barulho que era constante o dia todo não me deixava dormir. Quando me buscavam à noite para a tortura, eu já estava extremamente derrotado.

Quem ouvia os meus gritos achava realmente que eu já estava no extremo porque eu exagerava com os gritos. Parece que aliviava um pouco a dor. Eu me lembrava de quando eu era pequeno, que a minha mãe me dava chicotada; então, cada choque, cada chicotada, eu gritava até não poder mais mesmo. Parece que os gritos descarregavam um pouco. O João ouvia. Deve ter pensado: deve ter ficado meio doido ou está realmente morrendo. Ele ficou em um local e eu em outro; tinha uma parede dividindo, e tinha um buraco por cima. Eu sei que nos comunicávamos por ali, com todo trauma, mas a gente conseguia se comunicar. Eu não adotei aquela tática de sofrer a tortura calado não, de maneira alguma. Inclusive, quando permitiram que eu escrevesse carta para mandar para a esposa, a gente sabia que eles liam as cartas, eu tentava colocar alguma coisa que em parte era mentira e em parte era verdade tentando fazê-los entender que eu realmente já estava arrependido daquilo tudo.

Depois de mais de dois meses, eu fui levado para Brasília. Lá não sofri tortura propriamente dita, mas a tortura psicológica continuou. Eu cheguei a ser ameaçado novamente com a aquela maquininha de dar choques. Só de ver outros passarem em frente à cela e logo depois ouvir gritos, isso já era uma grande tortura. Uma ou duas vezes que me levaram para escrever, estava realmente para receber a tortura, o choque elétrico e etc. Então, em Brasília a tortura foi apenas psicológica.

Eu quero aproveitar para colocar algo sobre o meu comportamento como indivíduo e como militante. Eu procurava ser enquanto indivíduo o mais fiel possível à organização e aos colegas militantes. Era dolorido quando tinha que denunciar um colega, que era um membro da família, uma família ampla, na qual a gente se sentia tão bem. Em parte eu resistia porque pensava que naquela época isso dava cadeia realmente. Quanto maior fosse o meu período de participação, maior seria a minha sentença. Então, eu fazia tudo para que fosse encurtado. Inicialmente eu neguei a participação no partido, mas quando não houve jeito mais, quando muita gente já havia declarado: você participou de tal reunião, estava lá presente fulano etc., então eu adotei a tática de não soltar nomes que já estavam soltos, que outros já tinham declarado. Mas houve momentos que nós

hávamos chegado à beira da morte, eu creio que o Ismael foi morto dessa maneira. Ele tomava conta da parte de finanças e era ligado ao meio estudantil, não era fácil prestar conta disso. Todos sabem como era organizada a nossa finança. Era tudo de memória, não podia fazer contabilidade de maneira alguma. Para a gente ele prestava contas por que a gente tinha fiel confiança nos relatos, nos informes da pessoa. Mas a polícia não, a polícia achava que estava mentindo. De modo que o partido saiu de lá muito mais organizado do que ele realmente era.

Como o meu compadre estava por aí, outros estavam por aí, eu procurei não dizer isso. Eu imaginei que seria muito mais fácil eu sacrificar um indivíduo que eu sabia que estava fora do país, que estava na União Soviética, do que sacrificar um que estava aqui. Eu disse que havia sido o Leo Lince que havia me levado para o partido. Recentemente eu fiquei sabendo que na época ele não estava na União Soviética, ele estava por aqui mesmo. E fiquei sabendo que ele ficou sabendo disso aí também e ficou irritado. Mas de maneira alguma eu tive a intenção. Eu procurei a melhor saída. E considero o Leo Lince um verdadeiro líder, eu tenho muita admiração por ele. Fiquei muito sentido quando soube que ele também foi preso e torturado. Eu era um grande admirador do Leo Lince, eu creio que os colegas todos o admiravam por sua capacidade, a sua maneira de falar era realmente de um grande líder estudantil e militante do partido. Eu iria sacrificar um indivíduo desse? De maneira alguma. Eu pensava que se ele estava na União Soviética não seria bobo de voltar naquele momento. Depois que todos estavam presos, não iria. Então, se acaso alguém encontrar com ele, eu gostaria que explicassem isso a ele. Eu gostaria de encontrá-lo, mas não o encontrei até hoje, infelizmente.

Minha prisão foi em 1972, no dia que o compadre João foi preso; eu não tenho a data, o dia, era mês de férias escolar, porque eu não estava no colégio, estava em casa. Dois meses e meio no 10º BC e depois completou os cinco no PIC, em Brasília. Quando completaram os cinco, houve um julgamento para saber se mandava para fora para aguardar o julgamento definitivo, ou se continuava preso. Então fui colocado em liberdade. Quando eu saí, não pude retornar para a escola, até que tentei.

Parece que a prefeitura tinha dito que eu tinha abandonado o trabalho, e no estado eu tinha simplesmente sido exonerado. Para trabalhar em colégio particular eu precisava de um atestado de ideologia, e para tirar o atestado era na polícia. Eu tive até a ilusão de ir lá tentar tirar o atestado só para ver no que dava. E eles começaram a fazer um interrogatório como se quisessem rever, reproduzir tudo que eu tinha feito antes, aí eu disse que não iria querer não. Não tinha escola para eu trabalhar. Houve um concurso na empresa de bebida Antártica para vender, sair como motorista juntamente com um ajudante, eu fiz esse concurso e passei. Fiz um cursinho preparatório, trabalhei dois anos e meio na Antártica vendendo bebidas.

No julgamento eu ganhei seis meses de sentença, como eu tinha cumprido cinco, faltava um mês. Eu estava trabalhando na Antártica e tive que conversar com o supervisor para me dar licença. Expliquei o caso, notei que ele não era muito reacionário. Expliquei que eu teria que sair para cumprir um mês de prisão no CEPAIGO, e ele deixou. Fui e depois voltei para o trabalho. Depois a empresa começou a fracassar e lógico eu também, os funcionários todos i; e eu não tinha mais meio de vida. Já estava comprando garrações de pinga e vendendo por aí, estava em uma situação muito precária e com uma filha que tinha acabado de nascer.

## EXÍLIO

Quando o promotor reivindicou outro julgamento, já tinha saído para o grupo do João, que passou de seis meses para um ano e meio. Eu pensei que no meu caso poderia ser até pior. No meu caso poderia ir para dois anos ou mais, e eu não estava mais disposto a voltar para a prisão. E como havia uns amigos que tinham ido para a Suécia, cuja família tinha ido visitá-los e estava de volta, do Washington, por exemplo; eu e o Horieste fomos encontrar com a família do Washington, que nos animou mais a ir para lá: Vocês podem ir, arruma o dinheiro só para a viagem daqui para lá, uns trocadinhos só para chegar lá. O governo atualmente está dando tudo aos anistiados políticos. E eu fiquei animado. Eu tinha o direito de uma casa na Vila União e um fusca. Vendi o fusca e com o dinheiro do fusca eu fui. Minha esposa ficou encarregada de vender o direito da casa. Depois de um mês ela foi. Na segunda semana que eu estava na Suécia, eu fui com um tradutor brasileiro na policia de lá, ele já tinha me orientado como deveria fazer, eu foi simplesmente denunciar a polícia daqui para eles. Lá eu me abri todo, sem problema, confiando no que me informaram. Logo o chefe de lá já falou para o tradutor que eu não poderia voltar de maneira alguma para o Brasil, que isso que estava acontecendo aqui era uma barbárie. Ele orientou o tradutor para passar comigo no serviço social, que combinou de mandar uma quantidade de dinheiro para mim todos os meses. Inicialmente eu fui morar com um colega, o Marco Antônio de Oliveira, morei uns dois meses com ele e depois saiu um apartamento para mim. A minha tarefa era estudar o sueco, dois anos eu fiquei lá para estudar o sueco, recebendo ajuda do governo, e muito boa, sem burocracia, sem humilhação porque o dinheiro vinha para a gente em casa, era só pegar o cheque e descontar no banco. Roupa, por exemplo, roupa de frio, levavam a agente para escolher. De maneira que eu agradeço muito o governo sueco. Eu creio que todo latino-americano, o terceiro mundo que na época estava lá deve ter agradecido. Quando eu cheguei lá, parece que tinha 30 ou 40 anos que eles e o partido deles estavam no poder. Eu fiquei encantando. Vocês imaginem um pobre como eu que vivia aqui assim: se estava com emprego, um medo imenso de perder o emprego; se estava desempregado, um medo danado de não conseguir emprego, e a família em casa não quer nem saber, está faltando isso, aquilo.

Eu tentei várias vezes arrumar um botequinho. Teve uma vez que eu comprei uns 3 sacos de arroz e tentei vender, mas a família ia lá e levava o arroz, levava mais do que o lucro. Foi uma luta realmente muito dura, e para mim a Suécia era um paraíso. Eu fiquei 11 anos, mais do que muita gente. Primeiramente pelo fato de que eu fui para lá casado, depois do segundo ano veio a separação e eu tinha uma espécie de ideal em relação a filha. Eu diria que tudo que houve de errado comigo quando eu era criança eu quero fazer com que não aconteça com minha filha. Eu tinha um projeto para ela, eu queria que ela aprendesse o idioma, que aprendesse algo da nossa cultura, e de fato aprendeu. Se você conversar com ela hoje vai ver que ela é meio sueca e meio brasileira. Eu me orgulho muito dela.

Eu tive que interromper o curso universitário antes de sair do Brasil, faltava uns dois anos para eu terminar. Eu mudei para Estocolmo e lá conversei com o orientador que me indicou determinadas obras para eu ler. Depois eu vi que muitas obras faziam parte de um curso, que era de um semestre. E eu fiz um, com seis meses eu consegui 60



pontos que era o que se exigia lá. Entrei no curso de doutorado, não tinha mestrado, era o que eu queria, mas não tinha. Depois, no decorrer do tempo, implementaram um curso de mestrado. Eu estava achando o curso de doutorado muito difícil, a tese teria que ser defendida em sueco, alemão, dinamarquês ou norueguês e eu estava inhambado. E me disseram que no mestrado eu poderia defender a tese internamente, poderia inclusive escrever em português. Passei de imediato para o mestrado, vim de lá com um curso de mestrado. Foi a melhor coisa que a gente teve realmente. A comunidade de exilados era realmente organizada. Assim como havia um Comitê Brasileiro pela Anistia, havia um comitê no Uruguai, na Bolívia, na Argentina, além de comitês em outros países de terceiro mundo. E trabalhávamos realmente, todos os fins de semana tinha uma festa para ganhar fundos e às vezes eram conjuntas para mandar para esses países. Com isso, além de a gente lutar fazendo a propaganda anti-ditatorial, a gente se divertia também divulgando a cultura brasileira. Isso foi excelente, houve um vínculo muito grande entre as esquerdas do terceiro mundo na Suécia. Em virtude de a Suécia estar tão liberal assim. E por incrível que pareça esse povo que estava lá recebia o apoio, a ajuda econômica.

Quando houve a separação, a minha separação, a esposa pôde ir para um apartamento com os móveis todos para ela, passou a ter direito a um salário família, prioridade na fila para a creche, uma série de regalias. Tudo isso ajuda a gente a entender, e isso foi deslumbrante para mim, que apesar de a Suécia estar em um sistema capitalista, comparada com o sistema capitalista que temos aí, era um sistema socialista; era um descambar para o sistema socialista. Outra coisa que eu cheguei à conclusão foi de que muitas das reivindicações que nós fazíamos aqui, e que nos levaram à tortura, à prisão, lá eles haviam superado isso há muito tempo. Essas conquistas eles já haviam realizado, já tinham ficado para trás. Então não era coisa do outro mundo o que nós estávamos buscando aqui. Se nós tivéssemos alcançado o que eles alcançaram na Suécia, era uma excelente parte.

Havia informantes através dos comitês locais, das organizações locais, que informavam para a gente. Davam notícias daqui, e a gente via que a luta aqui continuava. E a gente estava simplesmente tentando ajudar da maneira que poderia, e isso nos deixava otimistas na época. Muitas vezes as pessoas pensam que a gente foi simplesmente fugindo, que foi uma fuga aproveitar do benefício, mas não foi. Se quem fala isso tivesse capacidade para perceber o que os comitês pela anistia faziam lá, iria ver que houve uma grande contribuição para o que estava ocorrendo aqui.

O dia 1º de maio era uma grande festa na Suécia. Todos esses países, através dos comitês, saíam para as ruas, cada um com a sua bandeirola, bandeirolas particulares, locais de cada nação; bandeirolas comuns que valiam para o mundo todo; e social democracia, também, em peso com as suas bandeirolas. Os sindicatos, porque a social democracia lá era muito fincada no meio sindical, praticamente todos os sindicatos estavam ligados à social democracia, e ao VPCOM que era um partido comunista Sueco, que sempre foi aliado do Partido Social Democrático.

Durante todo período que eu vivi na Suécia houve sempre uma aliança entre a social democracia e o Partido Comunista. Com isso eles conseguiam a maioria. E todos esses partidos saíam pelas ruas no 1º de maio, terminavam em uma praça com um grande discurso. O (...) e o chefe do Partido Comunista era uns que falavam. Para eles era uma aberração o que estava acontecendo não só no Brasil, mas em todos os países; eles

sabiam que eram muitos, a América Latina inteira era uma ditadura. Nós falávamos abertamente, no dia 1º de maio podia denunciar tudo e abertamente. Essa é uma característica que nós não podemos esquecer de maneira alguma em relação à Suécia na época. Pelo menos na época, a crise do mundo europeu realmente está se alastrando. Mas, quando eu cheguei lá era uma coisa, realmente um paraíso. O trabalho comum, de limpeza, era feito por pessoas que vinham de países vizinhos. Eu tinha muitos colegas que viviam na União Soviética, que foram também exilados, e que iam trabalhar em Estocolmo, na minha casa. Às vezes trabalhavam em restaurantes lavando pratos, mas ganhavam uma nota boa, e levavam para trás. Isso inicialmente. Os jovens suecos não faziam isso porque tinham capacidade para assumir outros postos, mas à medida que foram caminhando para o período em que eu vim de lá, a crise estava aumentando. Ultimamente esses colegas que moravam na União Soviética da época, na Polônia, naqueles países socialistas, nenhum estava conseguindo visto mais. E, mesmo assim, a Suécia não se compara com muitos países capitalistas que a gente conhece.

Eu fui para lá em 75 e voltei em 86, inclusive muita coisa decepcionou a gente. O Daniel Antônio, por exemplo, foi meu colega de colégio, de classe, de grêmio. Ele era companheiro de luta estudantil, e, além disso, tinha a amizade. Eu fiquei muito contente, muito emocionado quando eu soube que ele tinha assumido esse cargo. É claro que a gente desejava tudo de bom para ele. Mas eu participei de uns comícios, inclusive um comício que houve lá no Varjão, e ele prometeu tanta coisa, dentadura, dentista. Ele dizia: Você vai rir de boca aberta, vai deixar de ser desdentado, e até piscina em determinado local. Ele discursava realmente muito bem e conseguiu se eleger. Mas depois seria impossível conseguir aquilo.

Aquele trauma não sumiu de uma vez por todas. Um detalhe, por exemplo, quando eu estava na prisão, no 10º BC, a polícia andava muito em uma veraneio. Quando chegava lá, eu escutava o barulho, porta batendo, e daí a pouco os patrulhadores. Então, eu notava que eles iam para lá. Esse barulho da veraneio, inclusive a imagem da veraneio, nunca separou da minha mente, principalmente nos primeiros anos que eu estava aqui.

O medo desapareceu de imediato, só o fato de eu ter ido à polícia com um tradutor, eu achava que era barbaridade o que estava ocorrendo aqui. O apoio que me deu, me mandando estudar, me deixando só por conta dos estudos; a moradia, os custeios mensais. Ora, se a própria polícia fazia isso, as próprias autoridades militares faziam isso, é claro que eu não iria ter medo. O contexto lá não deixava a gente ter medo, se houvesse perigo seria algo muito isolado. E a massa de estrangeiros que havia lá e que não era repudiada; os latino-americanos, que inclusive contribuíram um pouco para eu não aprender o sueco em profundidade. Inicialmente tinham muitas pessoas com quem conversar em português, em espanhol. Então, medo eu não tinha. Claro que como a esposa foi comigo, a filha, no primeiro ano tivemos uma vida regular. Não tinha o problema da saudade dessa família, mas tinha da mãe, da irmã, dos irmãos; é claro que a gente tinha saudades. Mas o meu plano desde que fui para a Suécia não era o de ficar, era o de tirar proveito no tempo em que eu estivesse por lá, até que o sistema ditatorial findasse e que voltasse a democracia, e foi isso que ocorreu.

Às vezes eu era criticado por não integrar perfeitamente, por não me esforçar muito para me integrar na sociedade sueca, e eu dizia o seguinte: O idioma, por exemplo, o português nasceu comigo, faz parte de mim, está na minha personalidade, se eu for

deixar o português de lado para dominar o sueco, eu nunca vou dominar o sueco como eu domino o português. E afinal de contas, a vida não é tão longa e eu já estava com uma idade um pouco avançada. Eu iria deixar para trás tudo que eu tinha adquirido, inclusive em termos de personalidade, e querer assumir outra cultura, com uma personalidade em outra cultura? O povo sueco é muito solidário, é extremamente solidário, mas solidariedade lá funciona em termos práticos através de instituições. Se em um determinado momento eu estou desempregado ou sem dinheiro, eu não procuro ninguém, eu vou a um social birô e esse social birô traça uma meta dizendo que em determinado tempo você vai receber mensalmente isso aqui, e ajuda para aluguel também; e ainda ajuda a descobrir um emprego, e quando descobre o emprego aí deixa essa ajuda.

## **AS MARCAS**

Quando eu fui preso eu tinha uma pequena redução na audição. Escutava pouco, eu era professor no estado e na prefeitura, não usava aparelho auditivo e entendia muito bem o que os alunos falavam, me comunicava muito bem; mas na prisão eu sofri muitas pancadas na cabeça, espetadas, além das palmadas nos ouvidos e mais as torturas psicológicas que deve ter agido meu sistema nervoso de todas as maneiras. Então, foi agravando e começou a agravar lá. Quando eu estava no CEPAIGO, eu tive a oportunidade de entrar em contato com um dos indivíduos que foi acusado de morte em 64, “o crime da 64” em que mataram toda uma família. O Santino, não se sabe se ele foi o autor, mas ele foi um dos acusados. Ele me contou uma grande história da vida dele, e eu fiquei muito sentido por não poder ter entendido tudo que ele me disse, seria uma história interessante. Infelizmente pelo fato de eu não ter escutado, eu não tinha aparelho auditivo, eu entendi a história assim pelas metades - parece que ele contou isso ao Horiestes também. Então, começou a agravar a partir da prisão.

Em verdade eu era bastante idealista, eu acreditava no socialismo e achava que iria ser realmente algo perfeito. Quando comecei a ler livros, eu descobri o seguinte: na sociedade capitalista os produtos são produzidos não propriamente para servir ao bem comum, mas para serem vendidos e gerar lucro para o dono do capital. Por isso era impossível no sistema capitalista produzir algo com qualidade, algo que pudesse durar realmente para sempre. Mas se a gente chegasse à sociedade socialista, que acabasse aquela gana realmente pela acumulação do capital e pudesse realmente produzir para o bem humano... Por que não produzir um produto para durar realmente o quanto for possível durar e não ter que estar constantemente produzindo, jogando fora o bagaço? Eu acreditava realmente que a sociedade pela qual nos lutávamos iria ser uma sociedade perfeita. Infelizmente deu no que deu, e até hoje eu tento buscar uma justificativa. Eu creio que o Marxismo e o Leninismo, a doutrina de Marx não perdeu o seu valor.